

## **Saint-Rose-du-Nord: a culpa é minha.**

Escrito por Maria Helena

---

## **Saint-Rose-du-Nord: a culpa é minha.**

□ **Flávio Wolf de Aguiar**

Se um dia Jeová precisar de um folder sobre a Criação, Saint-Rose-du-Nord estará nele, e na primeira página. À beira do Rio Saguenay (diz-se Sâguéné), próximo ao Lago Saint-Jean, na província do Québec, Canadá, Saint-Rose-du-Nord é um pequeno povoado que visitei lá pelos anos oitenta do século passado. Tinha 250 almas: ainda era assim que se contava a população naquelas bandas. Ao seu redor havia fiordes majestosos, cujas escarpas rochosas tinham os cimos cobertos pelos pinheirais.

O acontecimento mais impressionante da história de Saint-Rose-du-Nord fora a chegada, vinte ou trinta anos antes, de dois tubarões marítimos. Subiram pelo golfo do Rio São Lourenço, provavelmente atrás de algum cardume, e entraram nas águas álgidas e escuras do Saguenay. Foram capturados, mortos e empalhados. Eram as peças principais do pequeno museu local, numa casa particular.

Não havia prisão em Saint-Rose-du-Nord. O escritório do xerife ficava na prefeitura. Se alguém bebesse demais e ficasse inconveniente, tinha de ser trancafiado na cidade vizinha até curar a ressaca. Esse parece, fora o pior crime já registrado em Saint-Rose-du-Nord: bebedeiras inoportunas.

Para o Norte não havia mais estradas: o espaço, além das colinas que limitam o Escudo Canadense, é uma imensa e gelada planície com poucas elevações. Ela se estende até a Baía de Hudson, cuja boca se abre para o Oceano Ártico. Ao longo dessa planície encontram-se muitos lagos. Eles são remanescentes de antigas geleiras, poças d'água de superfície congelada durante a maior parte do ano.

Também não havia hotéis em Saint-Rose-du-Nord. Os visitantes que por lá chegassem pousavam nas casas de moradores. Eles os recebiam nos quartos disponíveis e lhes davam as refeições. Restaurante não havia, ou pelo menos não me lembro de tê-lo visto: só uma lanchonete, junto ao único posto de gasolina. Eu estava com a família, começava a anoitecer, o que quer dizer que eram quase dez horas da tarde (!), e foi no posto, já prestes a fechar, que nos indicaram a casa de uma simpática senhora.

Já era tarde para jantar; nos servimos de algo de nossa reserva de bolachas, pães, queijos, frutas e vinho, e depois das tratativas com a dona da casa, aliás extremamente gentil, fomos encaminhados aos quartos no andar superior. A noite caíra, e o sono veio rápido, depois do dia de viagem por aquelas estradas e paisagens extraordinárias.

Pela manhã, levantei antes da mulher e das filhas. Desci, e a senhora, que já estava de pé, começou a servir-me a refeição, naquele estilo da América do Norte, com ovos, presuntos e um líquido escuro que é deveras parecido com café. Pela janela, eu contemplava o cenário deslumbrante. À luz da manhã, as pedras dos fiordes brilhavam, e as águas do rio, sempre escuras quase ao preto, reluziam mais ainda seu negror, que espelhava o verde sóbrio e pintalgado de sombras dos pinheiros esparsos ou em capões. A casa ficava no alto; víamos os telhados das outras, que se deitavam por uma colina até a beira do ribeirão, no vale embaixo. Este descia encachoeirado pela encosta. De repente, formava um remanso, antes de despencar no Saguenay. Completando a quietude da cena, só quebrada por uma ou outra fumaça que se alevantava das poucas chaminés acesas, lá na margem do remanso, um paciente pescador jogava sua tarrafa. Se alguma vez me lembrei do que a natureza também podia ser uma forma de oração, foi ali.

A conversa, além de inevitável, foi simpática e prazerosa. A anfitriã tinha curiosidades, e começou a perguntar-me sobre de onde vínhamos, quem éramos, o que fazíamos, o que nos tinha trazido àquelas paragens afastadas das grandes estradas de rodagem. Fui-lhe contando, explicando, que vínhamos de um país distante, no hemisfério sul, o Brasil, que éramos eu e minha mulher professores universitários e que ali estávamos por razões de estudo e trabalho, morando em Montreal. Expliquei-lhe que trabalhávamos numa das grandes universidades da América Latina, a Universidade de São Paulo, que ficava nas lindes de uma capital de estado, a cidade de São Paulo.

Nesse ponto ela me interrompeu, pensativa, como se evocasse algo. Falou-me de seu irmão, ou de um sobrinho, filho de seu irmão, não lembro, que vivera em Argel, na Argélia, que para ela também era um lugar “ao sul”. Disse que ele tinha apreciado muito o tempo que vivera lá, fizera amigos, tinha desfrutado das qualidades da vida local, depois voltara.

## Saint-Rose-du-Nord: a culpa é minha.

Escrito por Maria Helena

---

“O senhor sabe”, disse-me ela com uma visível ponta de inveja e admiração, “você que vive nesses lugares ao sul devem ser muito felizes. Lá não tem essa agitação daqui”.

Eu continuava contemplando o pescador e sua tarrafa, os pinheirais, os rochedos, as águas escuras, o céu luminoso de verão, pensando nos metros de neve que deviam se acumular nas longas noites de inverno, em Saint-Rose-du-Nord.

Não tive coragem de desiludir a velha senhora. Falei-lhe de uma cidade de São Paulo talvez imaginária, talvez histórica, algo parecida com aquela em que Castro Alves, José de Alencar e Álvares de Azevedo freqüentaram a Faculdade de Direito, e cuja maquete pode-se ver no Museu do Ipiranga. Quando nos fomos, depois de visitar os tubarões, eu me sentia um tanto mentiroso, mas alegre, por ter continuado a felicidade de uma pessoa simpática e acolhedora, para quem o mundo tinha gonzo e fazia um certo sentido.

De modo que, caro leitor ou cara leitora, se encontrarem um dia, ao norte do Canadá, uma velhinha bem velhinha que pergunte sobre uma cidade calma, tranqüila, pacífica, bucólica, centrada em torno de um antigo colégio de jesuítas e chamada São Paulo, não riam, nem a culpem. A culpa é minha.

de Aguiar

Flávio Wolf